

## **Revista Joaquim: uma análise histórica, editorial e gráfica<sup>1</sup>**

Francisco Camolezi MELO<sup>2</sup>  
Murilo Lemos BERNARDON<sup>3</sup>  
Vincenzo Pizzeghello DALICANI<sup>4</sup>  
Hendryo ANDRÉ<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Paraná, Paraná, PR

“Que delícia uma revista cuja redação é na rua Emiliano Pernetta, 476, e que promete publicar em seu segundo número um artigo sob o título ‘Emiliano, um poeta medíocre’”  
**Carlos Drummond de Andrade**, em carta para Dalton Trevisan

### **RESUMO**

O presente artigo consiste numa análise gráfica e conjuntural da modernista e curitibana revista *Joaquim*, editada pelo escritor Dalton Trevisan em 1946. A revista contesta o provincianismo paranaense da primeira metade do século XX para, no contexto do movimento modernista, entrar no debate literário nacional. Quanto à metodologia, a pesquisa se divide em dois momentos: primeiro, uma revisão narrativa de literatura em diálogo com a história do jornalismo cultural, das revistas de arte moderna brasileiras e o contexto da arte no estado do Paraná na década de 1940 e, por fim, uma análise documental e gráfica da *Joaquim*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista Joaquim; Dalton Trevisan; arte e cultura; modernismo.

### **INTRODUÇÃO**

A revista *Joaquim* foi uma publicação modernista de arte e cultura editada por Dalton Trevisan em Curitiba, entre os anos de 1946 e 1948, que sobreviveu por 21 edições. A revista, para Dalton, servia como um “porta-voz” dos seus anseios rebeldes antagônicos à literatura e às artes visuais paranaenses da primeira metade do século XX (DICIONÁRIO... 1991). Em contexto de dominação da arte conservadora de tendências simbolistas e paranistas no estado do Paraná, a revista utiliza de postura

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná, e-mail: camolezi@ufpr.br.

<sup>3</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná, e-mail: murilobernardon@ufpr.br

<sup>4</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná, e-mail: vincenzo.pizzeghello27@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado (PNPD/Capes) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: hendryoandre@gmail.com.

---

agressiva, vanguardista e inovadora para romper com o tradicionalismo e estimular novas iniciativas no debate cultural paranaense. O artigo baseia-se, primeiro, em uma análise histórica do editorial brasileiro, especificamente das revistas de cultura modernistas, concentradas nas metrópoles do sudeste do país. Depois, parte para o entendimento da atuação da *Joquim* como iniciativa disruptiva que preencheu a lacuna do que configurou manifestação tardia do modernismo no Paraná, e que apostava na contestação clara e irreverente do modo tradicional da inteligência local (OLIVEIRA, 2009). A tendência aparece na própria concepção gráfica da revista. A revista *Joaquim* é um marco na história do jornalismo cultural paranaense e brasileiro, tanto pelas mudanças que provocou no cenário local, quanto pelas inovações estéticas que propôs.

Por revolucionar o cenário cultural paranaense e inserir o estado nas mesas de debate que só viam representantes majoritariamente no eixo Rio-São Paulo, a *Joaquim* prova sua relevância no cânone editorial brasileiro, ainda mais quando se nota que a iniciativa surge como um contraponto ao conservador e provinciano paranismo, o que atesta importância para a evolução nas práticas de cobertura jornalística e editorial na sociedade paranaense. Além disso, mesmo com uma tiragem de 1 mil exemplares, a revista gozava de uma relativa abrangência nacional.

## **O JORNALISMO E AS REVISTAS CULTURAIS NO BRASIL**

De acordo com Phellipy Jácome e Itala Maduell Pereira (2019, p. 8), “o jornalismo de cultura tem sido deixado à margem da história oficial”. Sabe-se, no entanto, que os primeiros suplementos culturais modernos do jornalismo brasileiro surgem nos anos 1950. O *Quarto Caderno*, do *Correio da Manhã*; o *Caderno B*, no *Jornal do Brasil*, após a reforma de 1956; a *Ilustrada*, na *Folha de S. Paulo*, em 1956 e, mais tarde, nos anos 1960, o *Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo*. Aqui, percebe-se o privilégio do eixo Rio-São Paulo na historiografia do jornalismo cultural.

O surgimento dos cadernos culturais acompanha a modernização do jornalismo brasileiro. Para Marieta de Moraes Ferreira (1996), a década de 1950 representa um momento chave de transição na imprensa. Nota-se que, alinhado ao projeto de industrialização e urbanização do país, a imprensa passa a ilustrar seus periódicos com suplementos focados na cobertura do mercado do entretenimento e na crítica de arte. A cultura e o jornalismo se encontram imbuídos na missão de “civilizar” o Brasil.

---

Para Daniel Piza (2007), apesar do destaque do jornalismo cultural na imprensa diária nas décadas de 1950 e 1960, foram as revistas e tablóides da década de 1940 os precursores desse movimento, como é o caso da *Joaquim*.

Estude os “ismos”, todos lançados nas três primeiras décadas do século [XX] e você terá de estudar as revistas em que eles foram formulados e debatidos. Assim foi com o surrealismo francês, o futurismo russo, o imagismo americano: a expansão das vanguardas estava diretamente ligada à expansão da imprensa, dos recursos gráficos, do público urbano ávido por novidades. No Brasil, por exemplo, o modernismo paulista teve na linha de frente a revista *Klaxxon*, título que significa “buzina”; e o buzinaço promovido por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Victor Brecheret e outros no Teatro Municipal, a *Semana de 22*, deixa ecos até hoje (*ibid.*, 2007, p. 21).

Quando comparado a São Paulo e Rio de Janeiro, o modernismo paranaense se encontrava em fase embrionária, limitado a seletos artistas que não gozavam do mesmo prestígio que a elite cultural das artes plásticas e literatura do estado. Surgem, depois da *Joaquim*, outras publicações independentes modernistas na região, como a *Sul*, de Florianópolis, e o jornal *Século*, editado em Curitiba sob orientação de Loio Pérsio (CRUZ, 2013). Mais tarde, após a década de 1980, com o surgimento do jornal *Nicolau*, o poder público do estado do Paraná se notabilizou como um grande incentivador das publicações literárias (COHEN, 2011). O estado é o berçário de revistas como a *Medusa*, *Oroboros*, *Coyote*, o jornal *Rascunho* e o *Cândido* — este publicado pela Biblioteca Pública do Paraná (BPP) —, que também receberam ou recebem incentivos públicos.

Em *Revistas de Invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI* (COHEN, 2011), Sergio Cohen divide as revistas de arte e cultura editadas no Brasil — entre elas, a *Joaquim* — em seis gerações: a) de modernidade (1922-1928), marcadas pelos primeiros grandes momentos do modernismo brasileiro na década de 1920; b) de Reflexão (1928-1950), com o estabelecimento e crítica das “bases teóricas do modernismo”; c) de Invenção (1950-1969), período de renovação gráfica e estética não só nas revistas, mas no cinema, arquitetura, poesia e artes visuais; d) as Alternativas (1969-1980), no contexto da repressão da ditadura militar; e) de Independência (1980-2000), época de abertura política e “absorção da efervescência cultural precursora pela grande mídia” e; e) por fim, nos anos 2000, a geração das Revistas Eletrônicas.

---

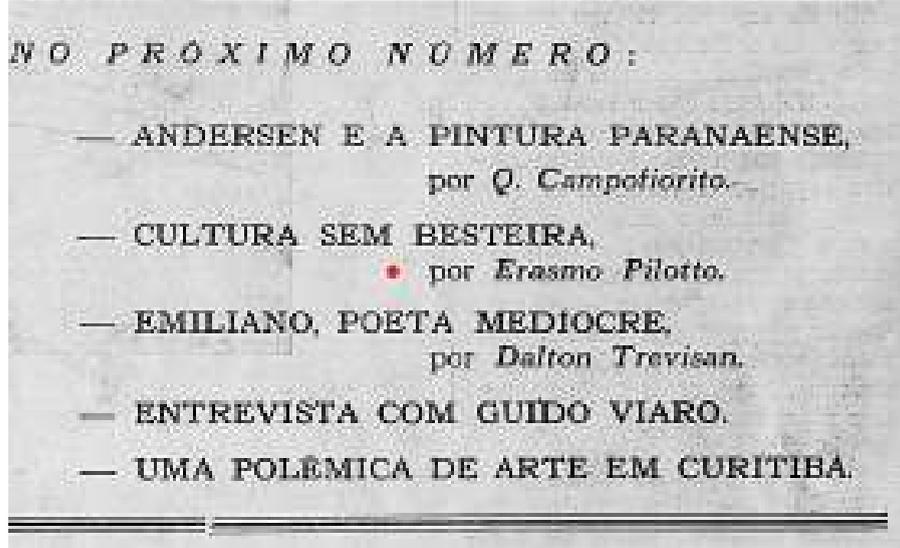
Quanto à geração de Reflexão, na qual a *Joaquim* está inserida, para Cohen (2011), aqui, as revistas remetem à estética do livro, ou seja, textos densos, longos, e pouco ilustrados. No entanto, de acordo com o autor, as “gratas” exceções seriam a *RASM*, a Revista Anual do Salão de Maio, publicada em 1939 por Flávio de Carvalho, e a *Joaquim*, “como um aparecimento tardio das posturas modernistas” em Curitiba. O casamento entre textos de leitura breve e as ilustrações, que, neste artigo, serão desenvolvidas na análise gráfica da revista, rendem destaque para a *Joaquim* quando comparada às suas contemporâneas.

### **A JOAQUIM E A ARTE NO PARANÁ**

A *Joaquim* surgiu como uma revista de arte moderna no contexto do *paranismo*. Citado e atacado pela revista, o *paranismo* foi um movimento artístico e intelectual conservador, provinciano, focado no consumo e representação artística da identidade regional do estado, ilustrado por artistas como Arthur Nísio, Alfredo Andersen e João Turin. No Paraná, tanto a produção quanto o debate sobre arte e literatura moderna eram escassos, e foi esse o vazio que a *Joaquim* pretendeu dar conta, além da tentativa irreverente de superar moldes paranistas e simbolistas considerados ultrapassados (ROMANOVSKI, 2014).

Nesse sentido, publicada em abril de 1946, antes mesmo do surgimento da Escola de Música e Belas Artes do Paraná e dos primeiros arranha-céus em Curitiba, em 1948, a primeira edição da *Joaquim* parece precoce. A arte moderna ainda não pairava pelo Paraná, e só viria a se estabelecer após 1955, com o surgimento da Galeria Cocaco (FERNANDES, 2022). Na época, publicar uma revista de arte moderna em Curitiba era, talvez, mais vanguarda do que diálogo.

A saída, então, era expor o descontentamento com o *paranismo* (Figura 1), dar voz e publicar escritores e artistas modernistas de fora do estado, salvo exceções, como o próprio Dalton Trevisan, Erasmo Pilotto, Wilson Martins e Poty Lazzarotto.



NO PRÓXIMO NÚMERO :

- ANDERSEN E A PINTURA PARANAENSE,  
por Q. Campofiorito.
- CULTURA SEM BESTEIRA,  
por Erasmo Pilotto.
- EMILIANO, POETA MEDIOCRE,  
por Dalton Trevisan.
- ENTREVISTA COM GUIDO VIARO.
- UMA POLEMICA DE ARTE EM CURITIBA.

Figura 1 - Logo na primeira edição da *Joaquim* percebe-se o tom crítico em relação aos artistas ditos “paranistas”

Fonte: Arquivo pessoal

Para Geraldo Leão (2007, p. 194),

Esta geração [*Joaquim*] termina de enterrar a reputação de Alfredo Andersen como artista a ser seguido, estabelecendo as bases para uma arte moderna paranaense mais aproximada da figuração portinariana, e da figuração de esquerda, derivada do muralismo mexicano e do Picasso do Retorno à Ordem, como foi o caso de Poty e [Guido] Viaro.

A *Joaquim* vê em Guido Viaro, artista de traços impressionistas e informais, um divisor revolucionário na pintura paranaense, que fica explícito na sétima edição da revista, com o texto “Viaro hélas... e abaixo Andersen!”. Para Dalton Trevisan, diferente de Alfredo Andersen, Guido Viaro não pinta pinheiros, mas o povo a sua sombra, “e pinta-os feios, em cores rebaixadas, de pernas e mãos enormes” (DICIONÁRIO... 1991). Era justamente a postura modernista agressiva e combativa contra o “poder cultural ideológico dominante” curitibano que diferenciava a linha editorial da *Joaquim* de outras revistas modernas conterrâneas da época, como *A Ilustração* (1939 a 1945) e *O Livro* (1944 a 1948), relativamente comprometidas com os artistas locais (OLIVEIRA, 2009).

## CONCEPÇÃO GRÁFICA, GRAVURA E LITERATURA

Quanto ao projeto gráfico, a *Joaquim* se destaca quando comparada às outras revistas de cultura da sua geração (COHEN, 2011). Sua força estava nos textos (STRAUB, 2002), assinados por Carlos Drummond de Andrade, Erasmo Pilotto, Ledo Ivo, Wilson Martins, José Lins do Rego, Vinícius de Moraes, Oswald de Andrade, Temístocles Linhares, entre outros, e nas imagens, de Fayga Ostrower, Poty Lazzarotto, Cândido Portinari e Di Cavalcanti — especificamente, na interação entre imagem e literatura; uma diagramação que produzia um valor novo a partir do diálogo entre as duas linguagens. A concepção gráfica seguia um padrão comum dos anos 1940, que enfatizava textos. A capa de todas as edições combinava ilustrações com o título desenhado à mão livre — um atributo pelo qual a *Joaquim* é conhecida (Figura 2). No corpo da revista, compunha diversos tipos com e sem serifa, ou seja, sem um padrão tipográfico preexistente.



Figura 2 - Exemplos de capas da Joaquim

Fonte: Arquivo pessoal.

O texto era justificado em quatro ou duas colunas e sua tipografia possuía serifa. Vale pontuar, aqui, que a edição e projeto gráfico da revista ficava a cargo somente de Dalton Trevisan, como uma “empresa individual”.

Não houve grupo que fundasse a revista, a revista foi criada pelo Dalton Trevisan pessoalmente. Ele era o editor, era a pessoa que se encarregava de recolher a matéria, da tipografia, enfim, era uma empresa individual. E os amigos dele, que era aquele grupo de que eu também fazia parte, escreviam, colaboravam na revista. Então, constituiu-se assim um grupo, digamos, teórico, um grupo abstrato, que eram os amigos dele. Mas não havia uma coisa organizada. Não havia uma redação, ou qualquer tipo de coisa empresarial para dirigir a revista (MARTINS, 1996, p. 4).

No interior da revista (Figura 3), é possível notar a simplicidade de composição, utilizando o contraste das imagens com os textos em colunas justificadas:



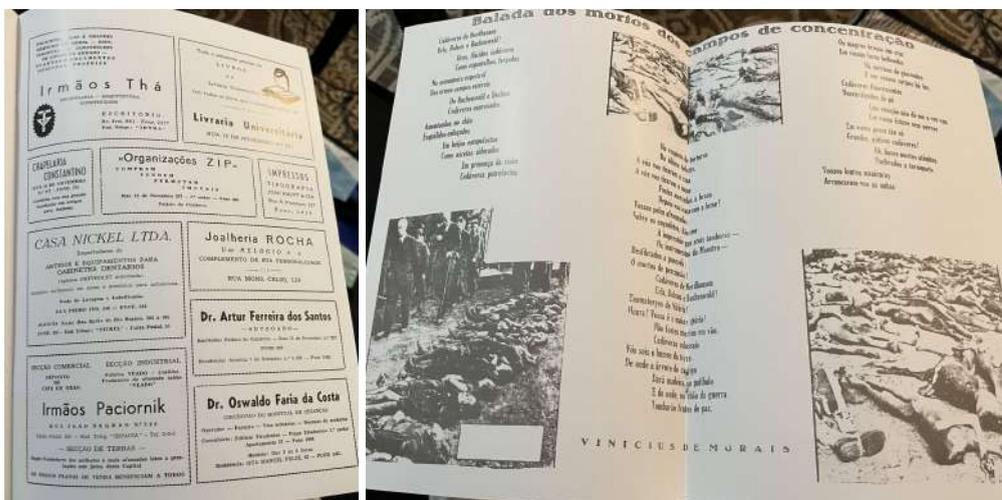
Figura 3 - Imagens ilustrativas do interior da revista  
Fonte: Arquivo pessoal.

Nas páginas é possível observar o alinhamento de imagens e ilustrações ao centro, utilizando o contraste, em preto e branco, como técnica para dar força ao texto, em colunas justificadas, e à grava — o que nem sempre funcionou. Nos títulos, observa-se uma quebra de repetição. A revista não possuía tipografia pré-estabelecida (Figura 4). Em geral, para a composição visual da *Joaquim*, os artistas utilizavam a zincogravura — gravura em metal alto-relevo, que era adaptada ao clichê tipográfico; as gravuras originais eram impressas a partir da matriz. A riqueza das gravuras, com um

aspecto gráfico tradicional à época, contribuía para a recepção da revista modernista pelo público. Sobre a opção pelo uso da gravura nas capas da *Joaquim*, de acordo com Luiz Cláudio Soares de Oliveira,

A gravura também tem duas faces quase divergentes ao ser escolhida como capa de revista. Ela tem uma fácil reprodução, que populariza a obra de arte ao diminuir seus custos, mas, ao mesmo tempo, no caso de um veículo de massa, quase uma indústria como é o jornal ou a revista, dá a impressão a quem a adquire de estar levando para casa uma obra única, ainda que reproduzida mecanicamente (*ibid.*, 2009, p. 70).

Para o autor, o uso da gravura também se justifica pelo espaço que o debate das artes plásticas ocupou na revista durante os anos em que foi publicada: “Ter a *Joaquim* em mãos e observá-la, mesmo sem a ler, era, por si só, um ato de apreciação estética” (*ibid.*). A revista não se resumia à crítica literária, aventurando-se pelas linguagens da música, artes plásticas, cênicas e do cinema.



**Figura 4 - Repetição em página de anúncios e ausência de padrão tipográfico**  
Fonte: Arquivo pessoal

A estratégia da concepção imagética rica também era para marcar posição, no sentido de fuga da arte moderna das regiões centrais do Brasil para as províncias, com autores e grandes expoentes locais, sem, no entanto, tornar-se um “bairrismo” cultural, ao contrário:

A postura do *Joaquim*, no entanto, não era de um localismo cultural, ufanista e laudatório das cores locais. Ao contrário, um dos seus principais alvos de

---

ataque crítico era a cultura paranista, hegemônica. [...] A revista buscava assumir uma postura inovadora e afirmativa em relação à produção local, digna de figurar entre o melhor da literatura e da arte nacionais (NUNES, 2010, p. 2).

O estudo da relação entre imagem e literatura se aprofunda e fica mais complexo ao se analisar a *Joaquim*. A revista é um rico material de análise das associações de duas diferentes linguagens da arte, amparadas em um contexto e por um mesmo suporte material e histórico — as duas linguagens convivem e dialogam, respeitando certos limites de autonomia, mas ligadas de forma inseparável no mesmo projeto, criado a partir da mesma ação cultural (NUNES, 2010).

Segundo Fabrício Vaz Nunes (2010), apresenta-se na *Joaquim* a estratégia de provocar uma leitura mista, que estabelece um movimento imaginativo entre texto e imagem — estes criam, por sua vez, uma relação intrínseca de sentido, sobretudo nos contos. Como exemplo disso, o autor analisa as duas versões do texto *Eucarís a dos olhos doces*, escrito por Dalton Trevisan e ilustrado por Poty Lazzarotto (Figura 5). Na primeira versão, a imagem de uma mulher deitada em um quarto escuro, disposta antes do texto e em maior tamanho, transmite ao leitor algo significativamente diverso do que a segunda versão, em que a sombra de um homem cabisbaixo é mostrada na gravura contornada pelas colunas, embora a história do conto seja a mesma — e, também, embora em nenhuma parte do texto existe a menção de alguém que caminha cabisbaixo.

[...] a imagem, apresentada no meio da página, com o texto correndo ao seu redor, é apresentada de forma a fazer com que o leitor volte-se constantemente da leitura para a contemplação da gravura, cuja relação com o texto só se torna compreensível através de uma operação imaginativa por parte do leitor (NUNES, 2010, p. 15).

O conto se encerra com a personagem sem nome — e sem rosto, na gravura — entrando para uma vida adulta de alcoolismo e melancolia; uma fuga simbolizada na imagem, que incorpora na página um sentido mais crítico a respeito da sociedade local.

[...] para o leitor assíduo de Trevisan, a imagem aponta não apenas para este texto específico, mas configura-se em relação ao universo ficcional do autor, tornando-se parte integrante dele. Também a imagem, neste caso, é “intertextual”: ela aponta para outros textos, para outros contos e outras personagens, criando um diálogo poético simultaneamente visual e textual nas páginas da *Joaquim* (NUNES, 2010, p. 16).



Figura 5 - Joaquim 1, p. 20 e Joaquim 20, p. 12.  
Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Essa característica dialógica entre imagem e escrita, apresentada de forma única em *Joaquim*, começava a ganhar corpo e popularidade nos anos 1940, em *O Cruzeiro* (CAMARGO, 2000) — na qual, em geral, reportagem acompanhava fotografia e textos literários ou humorísticos acompanhavam ilustração. No mesmo período, é possível notar aspectos semelhantes na revista modernista *Sombra*, editada por 20 anos, no Rio de Janeiro. No periódico, conhecido pelo “refinamento visual” (CAMARGO, 2000, p. 131), há uma relação avançada à época entre ilustração ou fotografia e design, que foram importantes para a introdução de valores de modernidade e para a construção da ideia de uma burguesia “que se idealizou e se fez distinguir” (CERBINO, 2014, p. 12) na revista. Na década de 1920, outras revistas também se notabilizaram pelo uso das ilustrações, como a *Para Todos...*, *Fon-Fon* e *Careta*, com os históricos desenhos de J. Carlos. Era um sintoma da modernização que o mercado editorial brasileiro assistia nos anos 1920.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja pelas tensões com a literatura simbolista e o paranismo ou pelo seu caráter gráfico inovador, a revista *Joaquim* se faz, definitivamente, um marco na história do jornalismo cultural paranaense e brasileiro. Por sua vez, a contextualização da revista nos coloca tantas questões quanto esclarecimentos. A presente investigação deposita na

---

*Joaquim* o status de precursora em uma rica cultura de publicações voltadas ao debate no campo da literatura e das artes no estado do Paraná, que, muitas vezes, procurou financiar esses periódicos por meio do poder público. Resta, em pesquisas futuras, buscar entender a formação dos leitores em um estado berço da *Joaquim* que adquiriu o hábito de investir em revistas culturais, como a *Medusa* e o jornal *Nicolau*, evidentemente inspirados no projeto editorial e gráfico da revista de Dalton Trevisan. Existe, hipotetizamos, uma relação dialética na história das publicações de arte e cultura no Paraná, que se inicia com a *Joaquim*, ganha força com investimento público e, hoje, se vê representada por jornais como o *Rascunho* e o *Cândido*. O primeiro passo para entender essa relação é justamente a proposta inicial do artigo: uma análise conjuntural dessas publicações na tentativa de identificar possíveis diálogos estéticos.

No demais, o artigo evidencia a relevância da *Joaquim* na história do editorial e no debate modernista brasileiro, seja pela sua disposição gráfica — uma das únicas revistas de cultura da sua geração a investir no casamento entre ilustrações e textos — ou pela magnitude dos autores publicados.

## REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. **Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná: 1853-1953**. 2007.
- CAMARGO, Suzana. **A revista no Brasil**. Abril, 2000.
- CERBINO, Ana Luiza. **A modernidade gráfica da revista Sombra**. Linguagens Gráficas, vol. 1, no 1, p. 05-15. 2014
- COHEN, Sergio. **Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI**. Beco do Azogue, Rio de Janeiro. 2011.
- CRUZ, Emerson Tadeu da. **Província desatualizada: visualidade e modernidade na Revista Joaquim (Curitiba: 1946-1948)**. Monografia (Monografia-Graduação em História, Memória e Imagem)–Universidade Federal do Paraná, 2013.
- HISTÓRICO-BIOGRÁFICO, DICIONÁRIO; DO ESTADO, DO PARANÁ. Paraná: Chain-Banestado, 1991. DINIZ, E. Voto e máquina política. Rio de Janeiro, 1978.
- JÁCOME, Phellipy; VIEIRA, Itala Maduell. **O lado B do jornalismo: como os cadernos culturais entram na história**. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 03, dez. 2018/ mar. 2019
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. Editora Contexto, 2007.

---

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A reforma do Jornal do Brasil**. A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50, v. 50, p. 141-155, 1996.

FERNANDES, José Carlos. **Um lugar chamado Cocaco**. Insight, Curitiba, 2022.

NUNES, Fabrício Vaz. **Relações entre literatura e artes gráficas na revista Joaquim: ensaios de análise**. Revista Científica/FAP, Curitiba, v. 5, n. 1, jan. / jun. 2010.

MARTINS, Wilson. **A superação da província**. Gazeta do Povo, 3 jun.1996, Caderno G, p. 4. Entrevista concedida a Miguel Sanches Neto.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares. **Dalton Trevisan (en)contra o paranismo**. Travessa dos editores, Curitiba. 2009.

STRAUB, Ericson Luiz. **A tipografia nos meios editoriais de Curitiba**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2002.

ROMANOVSKI, Natalia. **Um grupo abstrato: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.  
doi:10.11606/D.8.2014.tde-11052015-161821.